



NELSON
NUNES

Prefácio de
FILIPE HOMEM FONSECA

Com Humor não se Brinca

O QUE OS MELHORES HUMORISTAS
PORTUGUESES TÊM A DIZER
SOBRE A COMÉDIA

«O Nelson é bem capaz de ter escrito
o livro definitivo sobre a moderna
comédia portuguesa.»

Nuno Markl

v o g a i s

ÍNDICE

PREFÁCIO

Um prefácio não precisa de título e quem disser o contrário está só a tentar arranjar problemas 7

INTRODUÇÃO

Antes da *punchline*, o *set-up* 13

NUNO MARKL

«Todo o humorista é egocêntrico» 21

RUI SINEL DE CORDES

O humor também pode ser *rock 'n' roll* 57

HERMAN JOSÉ

«Escrever humor é sempre uma dor, implica olhar durante muito tempo para uma folha e pôr tudo em dúvida» 87

LUÍS FRANCO-BASTOS

As vozes podem não ser dele, mas as piadas são 103

RICARDO ARAÚJO PEREIRA

Portugal tem um filósofo do humor 123

JOANA MARQUES	
Uma senhora cheia de graça	169
INTERLÚDIO PARA FALAR DOS SENHORES	
(E DA SENHORA) QUE SE SEGUEM	189
Cátia Domingues • Diogo Batáguas • Guilherme Fonseca Carlos Pereira • Daniel Carapeto • Rui Cruz • Dário Guerreiro Guilherme Duarte • Paulo Almeida • Diogo Faro • Bumerângue Manuel Cardoso • Guilherme Geirinhas • Carlos Coutinho Vilhena • Pedro Teixeira da Mota	
NILTON	
«Seria humorista mesmo que fosse carpinteiro»	211
SALVADOR MARTINHA	
«Uma boa piada parte sempre da surpresa»	231
JOSÉ DE PINA	
«O humor é uma arma letal»	249
CÉSAR MOURÃO	
«Humor é saber ver o avesso das coisas»	267
BRUNO NOGUEIRA	
Realidade + ficção = comédia da boa	283
JOÃO QUADROS	
O génio que mora atrás da cortina	309
EPÍLOGO	
A comédia tem um fim (ou vários)	335
AGRADECIMENTOS	
Milhões de obrigados	343
NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	347

PREFÁCIO

Um prefácio não precisa de título e quem disser
o contrário está só a tentar arranjar problemas

Filipe Homem Fonseca

O facto de eu ter aceiteado o convite do Nelson Nunes para escrever o prefácio deste livro é um atestado aos perigos da automedicação. Os prefácios costumam ser uma de duas coisas, ou ambas em simultâneo: um descodificar sumário da obra em causa e/ou um elogio, mais ou menos velado, ao autor, ao trabalho apresentado, ao método através do qual se chegou a ele. E isso dá a chamada canseira. Ora, eu evito cansar-me tanto quanto posso. É um modo de vida como outro qualquer. Não me julguem.

Porém, tendo dito que escrevia, não tenho outro remédio. Vocês é que não têm de lê-lo, isso é ponto assente. Também é escusado irem à caixa do hipermercado, onde estão agora a manusear esta folhosa edição, para perguntarem: «Olhe, eu não quero o

prefácio, posso deixar aqui na caixa e levar o equivalente à diferença em couve-roxa?» Não vos vão permitir, porque o mundo é injusto e as pessoas casmurras. Lamento imenso. Têm de ser fortes. Queixo erguido.

O panorama do humor nacional mudou muito nos últimos 30 anos, mais ainda nos últimos 20, e muito mais nos últimos 10. Um crescimento exponencial avassalador. A comédia atingiu o nível de variedade da música: há *blues*, e *disco*, e *funk*, e *blues*, e *jazz*, e *pimba*; e depois, dentro do *rock*, há o *metal*; e dentro do *metal* há o *heavy*, e o *thrash*, e o *doom*; e depois há os que fazem *pimba* mas acham que estão a fazer *rock*, e os que fazem *rock* fazendo *pimba*, e os que fazem *pimba* sabendo que estão a fazer *pimba*. Há música de todos os géneros e subgéneros, para todos os gostos e, porque não dizê-lo, para todos os sub-gostos. Assim é na comédia. Esperar que a mundivisão de um Stockhausen seja igual à de um Artur Gonçalves, autor do seminal *Não Passes Mais com Ele na Musgueira*, é ingénuo.

E é esse tipo de diversidade que este trabalho revela: as várias abordagens; o acumular de mais ou menos anos no terreno, traduzidos em visões próprias sobre o ofício, sobre o meio em que o exercem; experiências narradas na primeira pessoa. Tudo coisas que se poderiam classificar de impagáveis, não fosse este livro ter um preço de capa. Nada é perfeito. A não ser, talvez, esse exemplar maior da cutelaria gaúcha que é a lâmina forjada por Cássio Selaimen e oferecida ao Superintendente do Serviço de Registo Genealógico da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos, Gilberto Loureiro de Souza. Mas isso são outros trezentos.

Reunir estes nomes num só volume é obra de valor. Todos os humoristas que estão neste livro tinham mesmo de estar. Há outros que também deveriam estar e não estão, por razões que o próprio Nelson explica. Às tantas, está a planear a sequela, um

império contra-ataca, um depois-de-Dallas-a-Debbie-faz-o-Texas-todo. É lá com ele.

Conheço pessoalmente a maior parte dos entrevistados, sou amigo de muitos, já trabalhei com quase todos. Alguns teriam episódios muito mais interessantes para contar; mas, se os divulgassem, deixariam de poder ser alvo de chantagem e ninguém quer isso. Eu não quero isso. Todos precisamos de pôr chanfana na mesa.

O Nelson é *fanboy* confesso dos entrevistados. E isso nota-se a cada página. A admiração que nutre por cada um deles é genuína, tem uma paixão assoberbada pelo humor, pelos percursos de quem o faz, pelas razões que levam alguém a querer tornar-se comediante. E a conseguir. A diversidade de métodos ou a ausência deles; as origens e os objectivos, o zénite e o nadir, as prioridades e as intenções; a relação mais íntima que cada um dos entrevistados tem com a comédia — tudo coisas que o Nelson conseguiu extrair destes humoristas, qual Laurence Olivier a furar com uma broca os dentes do Dustin Hoffman no *Marathon Man*.

Há muita intimidade neste livro. O próprio Nelson expõe-se muito e, nestas coisas, a exposição do autor é muito importante porque vende livros. A maneira como ele descreve o contexto em que decorreu cada uma das conversas fará o leitor sentir-se lá presente. E sentir que, às tantas, vai ter de dizer: «Nelson, tem calma, estou a tentar ouvir a malta do humor e só te ouço a bater palminhas». Porque o Nelson também debita pepitas da sua lava, onde nos dá conta do que pensa sobre o humor e sobre o panorama da comédia nacional; discordo de algumas dessas pepitas e assim é que é bonito. Era o que faltava: eu, ou qualquer um dos leitores, encontrar concórdia num livro sobre humor e humoristas. Até parecia mal.

É notória — e notável — a forma como, ao longo da conversa, cada um dos humoristas se revela. O Nelson é um entrevistador

hábil. Sinuoso, o sacrista. Se fosse apache, o seu nome seria Cas-cavel Sorradeira. Certos acontecimentos narrados por alguns dos entrevistados foram eventos que também vivi, só que guardo deles outras memórias. A razão é simples: nem todos tomamos a mesma quantidade de *ayahuasca*; há quem nem sequer tome, e essas coisas, parecendo que não, mexem com o prosencéfalo. Falo por experiência própria: viver um mês inteiro à base de *donuts* e refrigerantes com gás tem o seu peso no funcionamento neurológico e na maneira como já confundo citações de Schopenhauer com as de Slavoj Žižek. Estou preso por arames.

O Nelson arriscou a vida para fazer este livro. O Nelson é um Bear Grylls. Porque, entre outras questões pertinentes relativas ao domínio da comédia, submeteu os humoristas à pergunta «quais são os limites do humor?». Poderia ter optado por algo menos perigoso, como perguntar a cutelheiros gaúchos «quais são os limites da cutelaria gaúcha?»; e, nesse caso, este livro chamar-se-ia *Com a Cutelaria Gaúcha não Se Brinca*. Ou, então, *Prometo Perder a Fórmula de Deus*, que era, aliás, a sua primeira opção para título, não fosse já existirem canhenhos com nomes semelhantes — depois era uma confusão na hora de devolver o livro à biblioteca municipal. Perguntar a um humorista quais são os limites do humor é, afinal, confrontá-lo com as fronteiras que impõe ao seu próprio trabalho. E nenhum humorista gosta de admitir que tem limites. Quer dizer, alguns nem se importam, mas achei que isto soava bem. Dava um bom final de parágrafo.

Uma característica deste livro, e que não é comum a todos, é que se aprende bastante ao lê-lo. Um tratado desta envergadura sobre os comediantes portugueses devia ser publicado a cada dez anos. Sendo que nunca aconteceu, vejam bem as décadas encerradas nestas páginas. Há aqui passado, presente e futuro. E um pouco de gerúndio, também.

Parabéns, Nelson. Espero que a seguir te concentres, então, nos meandros da cutelaria gaúcha. Pessoalmente, gostaria de conhecer os bastidores dessa arte. E de certeza que há muita gente a partilhar deste interesse. Propõe à tua editora, isso bem faladinho ainda se faz. Espero que nessa altura também me convides para escrever o prefácio. Aí, sim, faria sentido.

humor (Lat. *humore*), *s. m.*

Qualquer fluido contido num corpo organizado;

humidade;

disposição de ânimo, do temperamento, natural ou acidental;

veia cómica.

comédia (Lat. *comædia* < Gr. *kómódia*), *s. f.*

Peça de teatro caracterizada pela sátira ou graça;

farsa;

teatro;

(*fig.*) facto ridículo;

dissimulação;

fingimento;

hipocrisia.

humorista (Ing. *humourist*), *s. m. e f.*

Pessoa que tem humorismo, que fala ou escreve com espírito

ou com feição irónica; que tem graça, espírito, feição irónica.

Comediante, *s. m.*

Aquele que representa um papel em comédia;

(*por ext.*) actor ou actriz, em todos os géneros teatrais;

(*pop.*) farsante, impostor.

INTRODUÇÃO

Antes da punchline, o set-up

O riso continua a ser um enigma exclusivamente humano, mas não é por isso que alguns carpinteiros de piadas deixam de parte o nobre ofício. Há um certo tempo, um professor de faculdade disse-me que se eu quisesse muito ler um determinado livro mas não o conseguisse encontrar, a solução era escrevê-lo eu mesmo. E — caramba! — quão ardentemente desejava eu colocar em palavras a vontade que tinha em saber mais sobre a geração contemporânea (e riquíssima) de humoristas portugueses. Por isso mesmo, e depois de um ano a pensar no assunto e a devanear sobre as alternativas e os desafios que tinha pela frente (quem escolher?, como escrever?, qual o ponto de vista?, porque é que este assunto é relevante?, por aí fora), decidi pôr mãos à obra e arrancar com este trabalho.

Juntar todos os humoristas portugueses da actualidade é tarefa impossível. Das duas, uma: ou teríamos um livro com três

mil páginas ou não daríamos o enfoque merecido a todos eles. Assim sendo, tomei a liberdade de escolher alguns — confesso que o gosto pessoal, uma característica nada jornalística, da qual estou consciente, teve um papel determinante nessa escolha — e arranquei com a coisa. Naturalmente, tenho de ressaltar, existem dezenas de tantos outros comediantes cheios de talento que não couberam neste compêndio mas dos quais me lembrei e de quem, infelizmente, tive de abdicar. Aproveito, desde já, para dedicar este trabalho também a esses humoristas que aqui não estão nomeados, mas representados com uma digníssima justiça pelos comediantes aqui presentes.

Falemos, pois, deles, os comediantes, os protagonistas deste trabalho. Foram horas e horas de escrita que não teriam acontecido sem as conversas com estes humoristas. Costumo dizer que o jornalismo é uma batota que certas pessoas usam para privar, por muito ou pouco tempo, com aqueles que admiram, para debater inquietações próprias ou temas que atravessam gerações, ideologias ou filosofias de vida. Por isso, muitos poderão sentir alguma inveja deste tipo que junta umas letras ao longo de páginas e páginas ter passado algum tempo n'A Cave do Markl ou a beber copos com Sinel de Cordes, por ter estado em casa de Herman José a trocar umas quantas impressões sobre o que é isto do humor ou ter sequer mantido uma conversa fascinante com Ricardo Araújo Pereira, o humorista consensualmente mais genial e mediático que este país produziu no novo milénio. Perdoem-me então o cliché, mas de que valem as alegrias se não forem partilhadas? É por esta necessidade de partilha que este livro existe. O mecanismo é simples, embora contenha uma certa dose de pretensiosismo: pareceu-me evidente que Portugal precisa de consolidar o seu próprio entendimento da comédia e, para isso, ninguém melhor que os comediantes para falarem a sério sobre ela. Sim, quem quiser

encontrar aqui piadas ou humor puro que largue já o compêndio que segura. Neste livro, não se brinca; neste livro, conversa-se à séria sobre o riso e o que o provoca.

O foco maior destes textos assenta em três pontos-chave: em primeiro lugar, queria dar uma visão pessoal e única do que é estar no mesmo espaço físico com estes homens (e, infelizmente, poucas mulheres) que tanto nos fazem rir. Perceber-lhes o quotidiano, os maneirismos de bastidores, as dinâmicas escondidas dos ecrãs. Além disso, queria retratar-lhes a carreira e dar a conhecer a sua biografia para que melhor possamos compreender os motivos que os fazem optar por esta ou aquela piada em detrimento de outras. E, finalmente e não menos importante, fazê-los refletir sobre o humor de um modo mais conceptual, de uma forma nunca antes feita neste rectângulozinho de território.

Um pequeno aparte para falar das mulheres, que quase não existem neste livro nem, verdade seja dita, na comédia no geral em Portugal (e não só) — comparativamente com o universo masculino, claro está. Essa é uma das grandes preocupações deste trabalho: por que raio não há mais mulheres na comédia, especialmente em Portugal? E não falo exclusivamente da coragem feminina para subir a um palco para contar umas graças, porque dessas vai havendo, cada vez mais. Então, o que vem a ser isto? Pouca predisposição biológica? Falta de interesse feminino na comédia? Falta de sentido de humor? Pura falta de talento que será remediada com o passar dos anos? Há não muito tempo, Clara Ferreira Alves escreveu um artigo delicioso sobre a questão do feminino no humor contemporâneo, tanto em Portugal como fora dele, em que aventava algumas possíveis explicações para um fenómeno (que está, aliás, excepcionalmente explicado nesse texto). A jornalista crê que «Portugal ainda precisa de crescer democraticamente para aceitar a autocrítica e a violência do humor feminino. Somos um

país vagamente entristecido, onde o género feminino se leva demasiado a sério e se submete e ofende com facilidade. A mulher sem riso é coadjuvada pelo homem que sorri»¹. Clara Ferreira Alves dá até o exemplo de Maria Rueff*, que, não sendo humorista, ilustra bem a realidade feminina nesta arte: «Em Portugal, onde o humor não atinge formas violentas ou extremas e é adocicado para consumo geral, mansinho e mesmo assim sujeito a censura na televisão [...], existe uma mulher com singulares capacidades de comediante, Maria Rueff. Acoplada a Herman José, nunca se emancipou completamente nem fez *stand-up* clássico, acantonando-se em papéis de televisão com caricaturas de uma certa facilidade e debilidade, do reino da imprensa cor-de-rosa e do pequeno mundo das serviçais de mulheres ou do *demi-monde* das *socialites* pindéricas à portuguesa. Manicuras e cabeleireiras. “Madamas”. Com Ana Bola, outra comediante, Rueff teve êxito mas nunca ultrapassou a falta de um *script* de género adequado à capacidade histriónica»². Talvez eu próprio concorde com esta visão, mas não é isso que interessa — o que importa é saber como olham os melhores humoristas lusos para as suas colegas que ainda estão a dar os primeiros passos na comédia[†].

* Rueff é, ainda assim, actriz ligada à comédia, e não humorista. Ainda que improvise lindamente os textos que lhe são dados e seja brilhante no seu ofício, não escreve nem dá a cara pelos seus próprios textos — e é essa a definição de humorista pela qual nos regramos neste trabalho. Por exemplo, na rubrica que protagoniza na TSF, é claro que os textos são produzidos pelas Produções Fictícias: www.tsf.pt/programa/cromos-tsf/emissao/ze-manel-taxista-889148.html

† Antes que sejam disparados tiros nesta direcção, é preciso ressaltar que há mulheres que escrevem óptima comédia: assim de repente, lembro-me de Ana Bola e Susana Romana. Contudo: o foco principal de Bola sempre foi a interpretação enquanto actriz (ao que pude apurar, as incursões no *stand-up* são tímidas e muito recentes. É certo que escreveu muitos dos textos que interpretou, mas essas interpretações aconteciam com recurso a um personagem e não em nome próprio. Seria difícil catalogá-la no mesmo leque de humoristas que aqui apresentamos, ainda que lhe seja totalmente merecida a glória enquanto cara incontornável da comédia em Portugal) e Romana nunca deu a cara pelas suas próprias piadas, é mais autora do que intérprete dos seus próprios textos.

Convém também explicar o título desta obra: vivemos um tempo em que todas as vozes parecem ter o mesmo timbre, o mesmo volume. Ou, como disse Andrew Keen em *O Culto do Amadorismo*³, na *Web* contemporânea, os murmúrios de um parolo valem tanto como as ideias de um génio. Esses murmúrios parecem querer incutir-nos que não se brinca com determinados assuntos, que o humor deve ser limitado (por quem, caraças?), que os humoristas são todos de esquerda, que o humor isto, que o humor aquilo. Pois bem, o que aqui é proposto é que, na comédia, não existem assuntos tabus ou proibidos: colocar em causa a liberdade da comédia, isso é que não é (nem pode ser) admissível. Portanto, meus amigos, brincai com tudo à vontade e sem regras, mas com o humor é que não se brinca.

«Se todos os homens fossem da mesma opinião e apenas uma pessoa tivesse opinião contrária, aqueles não teriam mais justificação para silenciar essa pessoa do que esta, se tivesse o Poder, teria justificação para os silenciar.»⁴ Dava um dedo mindinho para ter sido eu a escrever isto. Mas não fui. Foi John Stuart Mill, algures no ano longínquo de 1859, e é curioso que, ainda hoje, estas palavras se adequem ao momento vivido pela civilização ocidental. Deixemo-nos de grandes eloquências: o que pretendo demonstrar é que o humor, bem como a liberdade de expressão em geral, parece estar em perigo. Nos dias que correm, qualquer graça levanta celeuma, qualquer piada mais atrevida atira ao ar centenas de moralistas que cheiram a bafio. Diz o mesmo autor que «a verdade, nos grandes assuntos práticos da vida, é tanto uma questão de reconciliação e combinação de oposições que muito poucos possuem mentalidades suficientemente capazes e imparciais de fazer o ajustamento»⁵. Ou seja, «o mal temível não é o violento conflito entre as partes da verdade, mas a calma supressão da sua metade; há sempre esperança quando as pessoas são forçadas a escutar

ambos os lados; é apenas quando prestam atenção a alguém que os erros se fortalecem em preconceitos e a própria verdade cessa de ter o efeito da verdade ao agravar-se na falsidade»⁶.

Antes de avançarmos, permita-me que alvitre aqui um pequeno exemplo, decorrido fora de portas, para que não se pense que estou em favor deste ou daquele comediante. A Jimmy Carr, entrevistado num *talk show* ao lado do também humorista Tim Minchin⁷, perguntam qual a piada mais ofensiva que já escreveu. Carr não precisa de pensar muito para que saia isto: «Se ao menos em África existissem mais redes mosquiteiras, poderíamos salvar a vida de muitos mosquitos, que a perdem desnecessariamente por causa da SIDA.» Após uma gargalhada gigantesca dos presentes, Carr, que não perde o seu semblante, explica de imediato a ciência por detrás da graça, porque «está tudo na volta dada à linguagem. Não se trata de nada para além disso, não pretendo que as pessoas pensem de modo diferente sobre a SIDA. Não. Rirão», e não passará disso. Minchin concorda, acrescentando que se trata apenas «da expectativa criada na piada» ou, antes, pela sua torção na *punchline*, e que, por isso, «é uma piada linda».

Um caso recente, ocorrido no 5 *para a Meia-Noite*, *talk show* da RTP, chegou às instâncias do Tribunal Europeu. O apresentador Manuel Luís Goucha levou a mal que, no decorrer desse programa humorístico, alguém tivesse perguntado qual era a melhor apresentadora portuguesa. De uma lista de três, Goucha era uma das opções. Chegado o caso ao Tribunal Europeu, o apresentador da TVI perdeu⁸. Sobre isto, Paulo Almeida escreveu no Facebook, a 23 de Março de 2016, falando em nome dos seus pares: «Tendo já em numerosas ocasiões considerado casos que envolvem humor e sátira, o tribunal reitera que a sátira é uma forma de expressão artística e comentário social e que, pelas suas características de distorção da realidade, naturalmente tem o objectivo de provocar e agitar.»

Foi com estas palavras que o Tribunal Europeu dos Direitos do Homem deliberou de forma unânime que o Manuel Luís Goucha não foi discriminado pela sua orientação sexual num segmento do 5 *Para a Meia-Noite* em 2009. Piadas, apenas piadas. É isto que os humoristas fazem. Uma vez, conseguem-no; outras, nem por isso. Mas o objectivo é sempre esse. Provocar um sorriso, uma gargalhada, um “eishhhhh”, um abanar de cabeça, um pensamento, uma reacção. As ofensas e as segundas intenções ficam a cargo das mentes tacanhas e das suas agendas. Fazer-vos rir. É só isto que queremos. E é isso que vamos continuar a fazer.»

A liberdade de expressão e de pensamento talvez pareça perder a sua índole mais pura quando é regada a riso, sátira, humor. Porque o riso contém sempre em si o cunho de escárnio, de mal-dizer sobre determinados assuntos. E, por isso, quem não lida muito bem com piadas acredita que o riso é sinónimo de gozo, apoquentando-se com a gravidade da convivência entre gargalhadas e temas tabu. Não é, aliás, por acaso que Henri Bergson já dizia em 1900 que «o riso não tem maior inimigo que a emoção»⁹. Na verdade, «uma sociedade de puras inteligências talvez já não chorasse, mas ainda riria»¹⁰, o que poderá significar que, conversando e pensando o humor, talvez se compreenda de uma vez por todas o que representa uma piada e que o riso pode nem sempre ser uma diminuição simbólica do outro. Não sejamos anjinhos: é óbvio que o riso tem esse poder de diminuir. Sim, mas também tem o condão da cura, da reflexão, da correcção de algo que, porventura, poderá estar errado. Palavra de Bergson. «Uma personagem de tragédia nada mudará à sua conduta por saber como nós a estamos a julgar; compreende-se perfeitamente que continue a perseverar, mesmo com a plena consciência do que é, mesmo com o sentimento claro do horror que nos inspira. Mas um defeito ridículo, desde que se sente ridículo, procura modificar-se, pelo

menos exteriormente. Digamo-lo desde já: é sobretudo neste sentido que o riso castiga os costumes. Ele faz com que procuremos imediatamente parecer o que deveríamos ser.»¹¹ Ámen.

Por causa dessas ideias algo salazarentas sobre o que o humor deve ou não ser, procurei colocar esse conjunto de perguntas, tão pertinentes e actuais, aos humoristas que entrevistei: O humor tem limites? Os humoristas têm orientações político-partidárias? Há assuntos proibidos para a comédia? Falta educação para o humor num Portugal que, durante décadas¹², ao longo do século xx, quase só soube rir da revista e que demorou a habituar-se ao génio de Herman José¹³? O que é o humor? Os humoristas têm de ter um lado mais negro para manter a capacidade de brincar com tudo? As piadas só servem para fazer rir ou devem ter uma consciência social?

Com a profunda esperança de ter, no mínimo, arranhado esta ambição desmedida, desejo que esta leitura seja, para muitos de nós que tanto gostamos de rir, uma revelação imensa. Porque nunca nos podemos esquecer de que, afinal de contas, «o cómico oscila entre a vida e a arte — a ligação da arte à vida»¹⁴, que é o mesmo que dizer que «se é certo que o teatro é uma ampliação e uma simplificação da vida, a comédia poderá fornecer-nos mais esclarecimentos que a vida real»¹⁵.



NUNO MARKL

«Todo o humorista é egocêntrico»

A culpa é do pai, Dagoberto, que o encheu de influências para começar a desenhar cartoon político, ainda que Markl mal soubesse que o estava a fazer. Daí em diante, o fascínio por histórias, por Herman e por Monty Python pôs aquela cabeça a mil, fazendo do humorista um dos mais importantes da actualidade. O Homem Que Mordeu o Cão, Caderneta de Cromos, e a longa-metragem Refrigerantes e Canções de Amor são apenas alguns dos milhões de projectos marklianos de êxito — que nem sempre estão exclusivamente relacionados com o humor. (Ainda assim, tem consciência de que também já deu uns quantos tiros ao lado e do quão importantes foram para a sua carreira.)

A comédia salvou-o de uma infância em que os bullies lhe faziam a vida negra, ainda que agora entenda que o meio humorístico é «cruel, porque quem não gosta de ti há-de tentar ao

extremo com que te sintas a maior merda à face da Terra». Acredita que, para fazer humor, a curiosidade é condição essencial («tudo é alimento para a comédia»), bem como a ousadia de arriscar. É fã da autoparódia e prevê que o humor em Portugal possa vir a ser mais feminino. Gosta de escrever piadas para que os outros as possam interpretar e vê a comédia como um bem valiosíssimo que precisa de tempo para ser delicadamente construído, porque só assim «podemos transformar o horror que se passa nas nossas vidas em algo de bom». Acredita que a comédia pode não mudar o mundo, mas tem sempre algo de importante a dizer-lhe.

Da casa de Nuno Markl vê-se o mar. Situada na Parede, perto de Cascais, aquela moradia vai contra as expectativas populares de que na televisão é que se ganha bem e se fazem vidas de luxo. Apesar dos 45 anos de idade, Markl parece um rapaz de 20. Esqueçamos por um instante aqueles cabelos grisalhos: se víssemos apenas as t-shirts com bonecada e os blusões informais, nunca conheceríamos a verdade que traz no cartão de cidadão. Apertou-me a mão, mas depressa correu atrás de Pedro, que agora soprava serpentinas no pátio da moradia. Ana Galvão* observava-os, as cadelas *Flor* e *Uva* acompanhavam a brincadeira. Não os interrompi e deixei-os tomar o seu tempo na brincadeira de final de tarde. «Bem, 'bora lá?», perguntou Markl, como se se tivesse lembrado, de repente, da minha presença. Entrou em casa, seguindo à minha frente e encaminhou-se escada abaixo até à Cave.

* Quando desta entrevista, Nuno Markl ainda partilhava a vida com Ana Galvão, de quem, entretanto, se divorciou.

UMA CONVERSA N'A CAVE: COMO TUDO COMEÇOU

A Cave do Markl é mais que apenas um site¹⁶ onde o humorista fala sobre tudo o que o inspira, que o atrai, que se prende inevitavelmente com o seu trabalho. A Cave do Markl é um espaço físico, uma *man cave* na verdadeira acepção do termo. Naquele espaço, encontramos de tudo: uma mesa onde repousa um *Milennium Falcon* em Lego ainda meio construído, estantes e mais estantes com livros, DVD, jogos de tabuleiro e exércitos de bonecada de *Star Wars*, *Pulp Fiction* e *Simpsons*, um sofá regado com almofadas temáticas d' *O Homem Que Mordeu o Cão*, Batman e Super-Homem, uma máquina de *pinball* da série *Sopranos*, um *Star Trooper* do tamanho de uma criança de oito anos, enfim, uma organização caótica de tudo o que possa ser imaginável num espaço de produção criativa. A parafernália de um *geek*, esse poderia ser o epíteto daquela sala. Markl convidou-me a sentar no sofá e instalou-se à minha frente, numa cadeira. Não tirou o blusão, apesar de ter sido advertido para o facto de aquela entrevista poder durar mais de três horas.

O império Markl — metaforicamente falando, como é natural — não se construiu num dia. «Acho que isto é capaz de ter começado», recorda, com esforço, «de uma maneira muito elementar e incipiente, pelo facto de eu ter crescido em pleno Processo Revolucionário em Curso [vulgo PREC], que era um tempo muito rico em cartoons. E com o meu pai em casa, que era historiadador de arte e tinha um extremo jeito para o desenho e opiniões comunistas muito vincadas, lembro-me de que ele fazia cartoons políticos para consumo interno familiar. Comecei muito atentamente a ver as coisas que ele fazia», revela o comediante, «os Ramalhos Eanes, os Álvaro Cunhais e os Mários Soares, e eu incorporava essas figuras nas minhas reproduções de desenhos

da época, os Donalds e as Heidis e o Vicki, o Viking. Portanto era uma fusão do meu imaginário infantil com a política nacional». Dagoberto Markl*, pai de Nuno, era convicto comunista e as suas dissertações no lar da família provocavam efeitos na cabeça daquela criança. «Fui crescendo a ouvir o que me pai dizia sobre tudo o que o rodeava, sempre com as suas posições políticas, referindo-se, por exemplo, a Mário Soares como “o bochechas”, e eu acabei por integrar isso nos meus desenhos. A certa altura, os meus cartoons do Soares e do Cunhal começam a ter texto com alguma acutilância política, que eu herdava das bocas que ouvia o meu pai mandar à televisão.»

Mas o humor não nasce todo da política, caso contrário Markl seria hoje um novo Augusto Cid, celebrado cartoonista português. Ouvimos com frequência as suas histórias lançadas aos microfones das Manhãs da Rádio Comercial, que partilha com Joana Azevedo, Pedro Ribeiro, Vasco Palmeirim e, ocasionalmente, o *chef* José Avillez, César Mourão, Bruno Nogueira e Ricardo Araújo Pereira, mas não é demais recordar, neste ponto da conversa, que a infância do comediante foi traumática. Como ele próprio se intitula, era um caixa de óculos com zero êxito social. É precisamente nesse contexto que nascem as piadas como tábuas de salvação, uma sobrevivência na hostilidade do recreio. «Sim, isto é pouquíssimo original de se dizer, mas é a verdade: fazer rir os outros nasce como nítido mecanismo de defesa na escola.» E não era exclusivo de um gaiato das bandas de Benfica. «Tu ouves esta história contada por milhões de tipos que trabalham em comédia. Lembro-me de uma entrevista do Robin Williams, por exemplo, em que ele dizia que fazia imitações para comprar amigos. Eu não tinha jeito para imitações, mas desenhava caricaturas e aconteciam coi-

* Falecido a 5 de Abril de 2010, tornaremos a falar dele mais à frente neste capítulo.

sas muito óbvias que me faziam crer que aquele poderia ser um bom caminho no sentido de ser amado. Lembro-me de um *bully* em particular que me tratava abaixo de cão, andava sempre a dizer tipo, “Aaaaaah, seu picolho!”, e eu desenhei-lhe um boneco e, instantaneamente, ele põe-me a mão sobre os ombros e diz-me: “És meu amigo.” E eu entendi que aquilo era óptimo, que se conseguia de facto comprar afectos assim.»

Daí até assumir a ideia de buscar profissionalmente um método para provocar gargalhadas nos outros foi um instante. Mas a coisa é bem mais complexa do que aparenta. «Facilmente se presume na tua cabeça que, se optares pela via da comédia, seja desenhada ou dita ou interpretada, as pessoas gostarão de ti por se rirem. O que é uma ideia errada, porque não há nada mais fracturante que a comédia: é muito difícil que todas as pessoas se riam das mesmas coisas. Além disso, é um meio cruel porque quem gosta, gosta muito e faz com que te sintas o maior; e quem não gosta há-de tentar ao extremo fazer com que te sintas a maior merda à face da Terra. Portanto, não é um bom caminho para as pessoas que acham que vêm para a comédia para serem amadas. Não: vens para a comédia, serás amado por uns e profundamente odiado por outros.» A ênfase crava-se-nos no ouvido.

As influências externas também apareceram no momento certo e fizeram do sentido de humor do miúdo uma arma cada vez mais mortífera. O evento cataclísmico dá-se com a primeira ocasião em que os olhos de Markl pousam sobre os monumentos construídos pelos Monty Python. «Nessa altura, o humor deixou de ser só um mecanismo de instinto, quase fisiológico, e comecei a ver coisas como os filmes da *Pantera Cor-de-Rosa*, do Peter Sellers, ou os Monty Python, quando foram repostos na RTP2, nos anos 80. Foi aí que percebi que se podia viver daquilo.» Eis a epifania tão ansiada. Dentro de portas, outras foram as influências. «O *Pão com*

*Manteiga** também, que estreou quando eu tinha dez anos, o que significa que eu nem sequer percebia a maior parte das piadas. Mas eu delirava só com o ambiente sonoro daquilo, só com o facto de haver gajos a contar pequenas histórias com trocadilhos ridículos e brilhantes ao mesmo tempo. E portanto começa a acontecer esse *melting pot* na minha vida: os Monty Python na televisão, o *Pão com Manteiga* na rádio...» E o Herman. Ah pois, o Herman.

«O *Tal Canal*† foi a verdadeira epifania. Era um português na televisão a fazer um tipo de humor que era diferente de tudo o que acontecia naquela altura. É certo que tinhas a revista e os Parodiantes de Lisboa, mas de repente vem alguém com uma linguagem muito moderna, herdada das coisas mais modernas que estavam a fazer-se lá fora. Foi um raio que caiu em cima da sociedade portuguesa.» A memória desse primeiro contacto ainda está bem vívida na cabeça de Nuno Markl, pela importância de que se revestiu por toda a vida do humorista: «Lembro-me de ter visto o primeiro episódio *d'O Tal Canal*, que passou à noite, e de ter ido para a cama com a adrenalina no máximo. Era a coisa mais incrível que eu tinha visto em toda a minha vida. E foi aí que começou a esboçar-se a ideia de que, se calhar, conseguiria viver disto, poderia ser uma profissão a ter em conta.» Mas aqui surge o primeiro obstáculo a ser contornado: como? «Na altura, eu era muito tímido e não pensei logo que a minha profissão seria estar à frente das câmaras, mas sabia que teria de trabalhar nesta área, fosse como fosse.» Havia, pois então, que arrepiar caminho. Mas como?

* Programa humorístico que marcou a década de 80 do século xx. Transmitido na Rádio Comercial, contava com a autoria de nomes tão sonantes como Carlos Cruz, José Duarte, Mário Zambujal, Orlando Neves, Eduarda Ferreira e Bernardo Brito e Cunha.

† Programa humorístico da autoria de Herman José. Foi transmitido na RTP entre 1983 e 1984.

QUANDO UM PORMENOR FAZ A DIFERENÇA

«Não se podia fazer nada, naquela época», aqui Markl torna a narração algo desanimadora, como se esquecesse por instantes o quão bem se saiu na guerra. «Lembro-me de que, quando ainda andava a pensar em que volta haveria de dar para entrar nesse mundo da comunicação, comecei a trabalhar numa rádio local, a Rádio Voz de Benfica, que ficava nas traseiras da casa da minha avó, e aí costumava ouvir o *Pão com Manteiga* e o *Rebeubéu, Pardais ao Ninho*, o programa do Herman na Rádio Comercial, e tentei recriar esse espírito naquela pequeníssima rádio pirata que era vagamente ouvida ali no bairro. Tinha para aí três ou quatro ouvintes mas era óptimo para se fazer experiências. E então comecei a criar *sketches*, a escrever textos de humor e crónicas que depois apresentava à tarde com os meus colegas de escola, entre os quais a Joana Latino, agora jornalista da SIC». Tempos em que a desorientação era rainha, Markl e companhia eram baratas tontas que pouca ideia faziam do que viria a ser o futuro. «Nenhum de nós sabia o que ia fazer, éramos muito novos, tínhamos para aí 16 anos.»

De todo o modo, nascem nesses anos três paixões em simultâneo: «Fazer desenhos — continuava a desenhar compulsivamente e sem ter aprendido, nunca estive em nenhuma escola de desenho, simplesmente adorava desenhar de uma forma espontânea instintiva —, fazer humor e contar histórias em rádio.» A conclusão chegou depressa, num desses dias: «Era mesmo aquilo que queria fazer», estava decidido. «Mas como, caraças? Como é que hei-de fazer isso? Uma das hipóteses era entrar num curso de Comunicação Social, entrar no meio e, uma vez lá dentro, poder trabalhar em humor.»

Ser jornalista nunca foi hipótese de carreira para Nuno Markl. «Tinha terminado o ensino secundário e estava ali, naquele hiato,

sem médias para a faculdade, por isso comecei a pensar em explorar a coisa do desenho e criar qualquer coisa para ir porta a porta a ver se alguém, em jornais ou revistas, achava graça àquilo.» Markl tinha 17 anos. A solução acabou por surgir fora da universidade.

«Entretanto, soube que o CENJOR* ia começar um novo ano e estava a aceitar candidatos para o processo de selecção.» Pressionado pela mãe, Markl foi e, «incrivelmente, consegui passar nas provas todas. Éramos muitos. Lembro-me de que a primeira prova era feita numa sala enorme que estava repleta de gente, e íamos sendo eliminados prova a prova. Por alguma razão, fiquei e, de repente, vi-me seleccionado para os nove meses de curso super intensivos». *Voilà*, a primeira vitória.

«Adorei o curso, por várias razões», assume, «fiz-me sair da casca, que eu era um tipo muito tímido e, ali, agarravam em ti e mandavam-te ir para a rua com um gravador, e só podias voltar quando tivesses uma reportagem. Além disso, acho que todo o humorista devia fazer um curso de jornalismo, não apenas pela bagagem cultural, mas também para desenvolver a curiosidade. Porque tu, para fazeres humor, tens de ser curioso. Não podes fazer humor renegando todo o mundo à tua volta. Porque o que está à tua volta é que vais buscar para as tuas piadas, sejam elas sobre política ou sobre quão ridícula é esta almofada.»

Subitamente, uma hecatombe. «A rádio pirata, entretanto, ardeu. Literalmente. Pegaram fogo ao edifício e desapareceu.» Mas não foi por isso que o amor esmoreceu. Pelo contrário. «Eu sabia que estava a fazer o CENJOR para, eventualmente, acabar a trabalhar numa rádio», atira. «Era esse o meu objectivo. Não era televisão. A grande mística para mim era a rádio. Sempre adorei ouvir rádio e não era só pelos programas de humor. Tive a sorte

* Centro Protocolar para a Formação de Jornalistas.

de crescer numa idade de ouro a vários níveis. Não só porque, por exemplo, a Rádio Comercial tinha uma programação incrível, com os craques todos, o Luís Filipe Barros, o António Sérgio, o Herman José, a equipa do *Pão com Manteiga*, era glorioso. Mas, depois, tinham milhões de coisas a acontecer no éter com as rádios pirata. Ganhei mesmo um gosto tremendo pela rádio porque percebi que era isto: consigo contar histórias e as pessoas não têm de me ver, por isso nunca vão saber quem sou.»

Felizmente, a sorte desembocou noutro lugar, num lugar bonito e cheio de surpresas agradáveis para o futuro markliano.

A PRIMEIRA RÁDIO

Há vinte e tal anos, as oportunidades no mundo do jornalismo não escasseavam, como acontece actualmente. Pelo contrário, a coisa processava-se de um modo tão díspar, que custa acreditar. «Hoje em dia isto é impensável», concorda Markl, «mas a gente acabava o curso, chamavam-nos e aquilo era uma espécie de *buffet* de oportunidades: “Onde é que queres trabalhar?”, perguntaram. Era mesmo assim que começava a coisa: “Para onde é que queres ir?”, “Eu gostava de ir para a Antena 1”, “Sim, senhor!” E tudo isto é outro mundo: não só o estágio era pago como tu o fazias com a clara sensação de que lá irias ficar a trabalhar. E quase toda a gente daquela geração se colocou nos lugares onde escolheu ficar. Comigo não foi diferente. Havia uma rádio moderna, com música boa e que eu gostava de ouvir, que era o Correio da Manhã Rádio. Tinha uma série de craques incríveis a trabalhar lá, a selecção musical era muito boa, a programação de autor agradava-me e a informação também era...» Mega hesitação nas palavras. «Eh pá, digamos que não tinha nada a ver com o *Correio da Manhã* jornal, apesar de partilhar o mesmo nome. Aquela rádio tinha uma classe que era uma coisa por demais.»

Entre 1991 e 1993, o Correio da Manhã Rádio é a segunda casa de Markl. Faz reportagens sérias, mas começa a propor à direcção que se façam conteúdos humorísticos, aqui e ali. Primeiro, até começou a tentar incluir comédia nas reportagens e, mais tarde, Rui Pêgo, então à frente da estação, quebrou-lhe o galho. «Ele deu-nos um espaço para fazer algo que não fosse apenas jornalismo, a mim, ao Pedro Ribeiro [actual director da Comercial], ao Luís Miguel Pereira e ao Miguel Vital [esse mesmo, a voz-off d’O Preço Certo]*. Foi-nos incumbida a tarefa de fazer uma espécie de guia de programação da rádio. Mas nós cagámos completamente no guia e transformámos aquilo em meia hora de humor, à nossa livre e completa vontade.» Madrugadas e madrugadas de escrita, Markl batendo furiosamente em teclas, Vital e companhia pensando em ambientes sonoros, ideias e ideias fluindo daquelas quatro cabeças para fora. O resultado? «Uma torrente imparável das mais diversas situações, com uma produção sonora muito boa. Tudo alucinante, só coisas absurdas, sem qualquer nexo. Lembro-me, por exemplo, que a meio de umas cenas entrava um *jingle* só a dizer, aos gritos, “COMA MAIS PÃO!”, completamente absurdo.» Os poucos e sortudos ouvintes que sintonizassem na 101.5 ao meio-dia de sábado poderiam embevecer-se com tudo isto. Era assim que se fazia o mítico *Prok Der e Vier*.

Mais ou menos a meio do programa, uma rábula que mudou, também ela, a vida de Markl: *A Saga de Abílio Mortaça* era «uma radionovela super complexa e elaborada sobre um vendedor de enciclopédias a quem acontecia de tudo, desde raptos de extra-terrestres, invasões de ciborgues, tudo o que possas imaginar». A novela do éter assumiu tais proporções que, com a passagem do tempo, «aproveitávamos a ida de famosos à rádio, que lá iam

* «O melhor sonoplasta com quem já trabalhei.»

para entrevistas sérias, e puxávamo-los à parte e dizíamos: “Nós temos aqui uma radionovela, será que não quer entrar?”». A nostalgia toma lugar e Markl aproveita a curta interrupção para deixar um agradecimento meio dissimulado. «O Rui Pêgo achava graça àquilo, mas eu tenho a sensação de que quem fez com que aquilo continuasse foi a Júlia Pinheiro*, ela era mega fã do que a gente fazia no *Prok Der e Vier*.»

Mas o Correio da Manhã Rádio não podia durar para sempre, não assim, com tão poucos ouvintes. E Markl também demonstrava estar guardado para outros voos — sem qualquer desprimor para aquele lugar tão acarinhado. A rádio do CM fechou e Carlos Barbosa, antigo dono da estação, comprou a Rádio Comercial, fazendo com que a equipa do CM Rádio transitasse para a Rua Sampaio e Pina, em Lisboa, de maneira a dar um novo fôlego à programação. Deste modo, *A Saga de Abílio Mortaça* teve um *reboot* e ganhou vida própria no ar. À medida que o seu novo amor descolava, Markl diz ter percebido que era aquilo que queria realmente fazer. Bastava de ser pivô de informação — dá sequer para imaginar um jovem Markl a ler notícias com a maior circunspeção do planeta? Sim, acontecia ao longo de longas horas radiofónicas, madrugadas incluídas. «Tenho todo o respeito para com a profissão de jornalista, mas eu não era feliz a fazer aquilo», admite.

EIS AS PRODUÇÕES FICTÍCIAS

Mortaça foi o catalisador da carreira de Nuno Markl. Nuno Artur Silva, fundador das Produções Fictícias, era ouvinte assíduo daquela saga. A sua produtora de humor era, então, naquele já longínquo 1995, composta por «quatro gajos numa cozinha: ele, o José de Pina,

* Apresentadora de televisão e mulher de Rui Pêgo.

o Miguel Viterbo e o Rui Cardoso Martins. O que aconteceu foi que, por alguma razão, o Nuno achou *A Saga de Abílio Mortaça* muito boa, apesar de aquilo ser demente e não ter nada a ver com nada. Um dia, levou o programa lá à mesa da cozinha, sempre cheia de jornais, num pequeníssimo apartamento esconso nas Janelas Verdes, e conta ele que se vira para o Pina e diz, “Pá, é um puto que anda a fazer coisas na rádio que são uma espécie de diamante em bruto e acho que devíamos ir buscá-lo.” Depois disso, a Margarida Pinto Correia, que era nossa amiga em comum, disse que nos tínhamos de conhecer e organizou um jantar lá em casa, no qual fomos apresentados. Já no fim da noite, tudo cheio de sono com a festa a chegar ao fim, o Nuno Artur chega ao pé de mim e pergunta-me o que é que eu achava de começar a escrever para o Herman.»

Eh pá, pára tudo: dá para imaginar uma coisa assim? Um *chavaleco* quer fazer humor, está nas sete quintas a escrever uma rábula com graça numa rádio e, de repente, cai-lhe um convite no colo para produzir conteúdos para o maior deus da comédia que este país já viu? Como é que se reage a isto?

«Eu delirei com aquilo. Era o meu maior sonho de sempre, era uma coisa que não ousaria negar. É óbvio que gostaria muito de trabalhar com eles, mas não era do meu feitio andar a chagar pessoas e quando ele me diz aquilo a única coisa que me sai da boca é: “E isso era para começar quando?” E ele, “Amanhã”. No dia seguinte, comecei a trabalhar para as Produções Fictícias.»

Markl flutuava e mal acreditava na sorte (e, convenhamos, no reconhecimento) com que tinha sido bafejado. «Foi delirante», é a única coisa que lhe apraz dizer sobre esse momento, o instante inaugural em que sabe que vai começar a escrever para Herman José. É preciso puxar um pouco mais por ele, por estranho que possa parecer. Anda lá, Markl, conta-nos mais. «No primeiro dia tive uma reunião com os quatro e, apesar de ter tido muito medo

do Pina, simpatizei instantaneamente com o Viterbo e o Nuno Artur. Mas o Pina tinha aquele ar de Sam, The Eagle, dos Marretas, e estava muito sério. Eu só pensava, “Eh pá, este indivíduo não está a fazer-me sentir bem-vindo”. Tinha algum medo dele!», confessa, antes de fazer a ressalva, não vá a coisa ser mal entendida. «Pá, eu adoro o Pina, hã? E a gente encaixou ao fim de algum tempo, mas lembro-me de, naquele momento, ter ficado intimidado com ele. Mas quem é que não ficaria, caramba?» Confere.

Quando o criador de *sketches* tão icónicos como os da Melga Shop e de Diácono Remédios começou a escrever, naquela cozinha, com o resto da equipa, Herman era uma névoa distante e longínqua. «Eu simplesmente estava ali com eles a criar coisas que, posteriormente, iriam para o Olimpo, onde vivia o Herman. Mas, uma semana depois, o Nuno Artur diz-me: «Olha, vamos gravar os textos com o Herman à rádio e eu apresento-te a ele, agora que estás a escrever connosco»». É então chegado o momento de apertar a mão à divindade: «Fiquei mesmo *starstruck*. O Nuno Artur, muito descontraído, disse-lhe, “Este é o Markl, já está a trabalhar connosco”, e o Herman respondeu: “Muito prazer em conhecer-te.” E eu disse qualquer coisa tipo, “*Aghnhaghaghnaaagh*”, e fui à minha vida.» Feito. Então, mas espera lá! Tu nunca soubeste o que é que o Herman disse de ti nesse primeiro encontro? «O Nuno Artur contou que a primeira coisa que ele disse de mim foi... “Onde é que foste desencantar este?” [pausa estratégica para gargalhadas e... podemos prosseguir.]»

Segundo Nuno Markl, Herman José não era muito interventivo no processo de escrita da equipa das Produções Fictícias. «Ele dava muitas vezes dicas sobre os pontos de partida, que gostava de fazer isto ou aquilo, mas tinha criado uma relação tão grande de confiança com o Nuno Artur, tinha ficado tão fã dos textos que ele fazia para o José Pedro Gomes e o António Feio num progra-

ma do Joaquim Letria, que nós tínhamos a liberdade para criar as coisas do zero e depois apresentá-las. Ele logo diria se gostava ou não, mas havia sempre essa relação de confiança. Mesmo assim, o Herman podia acrescentar coisas ou mesmo mudar.»

De 1995 a 2002, Markl mantém-se fiel a Herman José na escrita humorística. «Foi um chorrilho incrível de programas.» Embora vá trilhando outros percursos, nomeadamente na Rádio Comercial, a lista de trabalhos como argumentista é, no mínimo, invejável. «Começou com o *Herman ZAP*, dentro do *Parabéns*, mas para mim a grande prova de fogo foi, sem dúvida, o *Herman Enciclopédia*. De repente, era o nosso *O Tal Canal*. A partir daí, acontece tudo de forma muito encadeada. *Paraíso Filmes*, escrevi para o António Feio, para a Maria Rueff, basicamente até começar de facto a fazer *O Homem Que Mordeu o Cão*. Ainda consegui acumular esse trabalho de escrever para mim próprio, para eu próprio interpretar, com o resto.» Tempo para um aparte pertinente: «Sempre adorei escrever para outros, mais do que para mim próprio. A magia de escreveres coisas e, de repente, estás a ver aqueles gigantes a interpretá-las... Adoro isso.»

DE UMA ENCOMENDA, NASCE O HOMEM QUE MORDEU O CÃO E UM NOVO PALCO PARA MARKL

Herman à parte, a vida radiofónica continuava, e estava prestes a nascer um evento cataclísmico nos voos a solo de Markl. Entre 1995 e 1997, o humorista continuou a escrever com a malta das Produções Fictícias e a Rádio Comercial sofreu uma reestruturação. Nessa altura, Markl ia fazendo alguns programas de autor na Sampaio e Pina. «A rádio estava completamente sem rumo», conta, «e a desvantagem disso é que não se tem ouvintes. Mas a vantagem é que podes fazer tudo. Não há *playlists*, por isso eu ia

Ricardo Araújo Pereira, Herman José, Nuno Markl, Bruno Nogueira, João Quardros, Salvador Martinha, Nilton e muitos outros humoristas (incluindo os mais destacados da novíssima geração) levam-nos, neste livro, até ao fascinante centro do mundo da comédia portuguesa, revelando os seus mecanismos, fronteiras e polémicas.

Repleto de histórias pessoais sobre o percurso, as técnicas e o pensamento dos principais comediantes portugueses, este livro desvenda as ferramentas fundamentais para a escrita humorística e aborda com absoluta frontalidade as problemáticas mais importantes para a criação de uma piada.

Através de conversas com os comediantes, Nelson Nunes, jornalista e escritor, dá-nos a conhecer as suas carreiras — os passos em falso, os momentos de sorte, os grandes êxitos, as rivalidades, o que os une e os afasta — e revela tudo o que pensam sobre a arte de fazer rir os outros e as dúvidas que o humor pode suscitar:

Como se pode e deve fazer uma piada?

Quais são as técnicas mais importantes?

Porque existem tão poucas mulheres humoristas?

As piadas só funcionam se tiverem um alvo?

Há limites para o humor?

O que é o humor negro?

**Roubo de piadas: facto ou ficção?,
entre muitas outras.**

**Um retrato completo do humor português
contemporâneo, obrigatório para quem gosta de boa comédia
e para quem dela vive.**

v o g a i s

com todas as letras

20|20 editora

ISBN 978-989-8843-67-8



9 789898 843678

Temas Atuais / Humor

